

***Cair no choro, cair na porrada e cair na gargalhada:  
o que essas construções têm em comum?***

---

To burst into tears, to get into a brawl, and to burst into laughter:  
what do these constructions have in common?

Romper a llorar, irse a golpes y romper a reír:  
¿qué tienen en común estas construcciones?

**Gessilene Silveira Kanthack**

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Brasil)  
gskanthack@uesc.br  
<http://orcid.org/0000-0002-1352-436X>

**Letícia Souza Araújo Alves de Oliveira**

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Brasil)  
lsaoliveira.ppgl@uesc.br  
<https://orcid.org/0009-0006-4708-010X>

**RESUMO**

Neste artigo, apresentamos um recorte de uma pesquisa que teve como objetivo geral investigar propriedades formais e funcionais de construções instanciadas pelo predicador complexo *cair-suporte + sintagma nominal preposicionado*. Tendo, como *corpus*, textos escritos veiculados na rede social *Twitter* (atualmente, *X*), e amparadas pela Gramática de Construções, demonstramos que esse verbo instancia construções que pareiam forma e sentido, sendo o sintagma nominal determinante das significações. No intuito de destacar o papel dos itens lexicais na configuração da construção, apresentamos, neste recorte, a análise de três campos semânticos mobilizados pelo verbo-suporte *cair*: 1. emoções relacionadas ao choro; 2. atos de violência física; 3. manifestações de riso. A partir de uma metodologia quali-quantitativa,

constatamos uma produtividade variada tanto de *types* quanto *tokens*, evidenciando a criatividade do falante ao usar uma construção suporte, um padrão gramatical usado para expressar efeitos de sentidos e valores pragmáticos não alcançados por um verbo predicador simples.

**PALAVRAS-CHAVE:** Verbo-Suporte; Forma; Sentido; Gramática de Construções.

### ABSTRACT

*In this article, we present an excerpt from a research project that aimed to investigate the formal and functional properties of constructions instantiated by the complex predicate *cair-support* + *prepositional noun phrase*. Using written texts published on the social network Twitter (currently X) as our corpus, and supported by Construction Grammar, we demonstrate that this verb instantiates constructions that pair form and meaning, with the noun phrase determining the meanings. In order to highlight the role of lexical items in shaping the construction, this excerpt presents an analysis of three semantic fields mobilized by the support verb *cair*: 1. emotions related to crying; 2. acts of physical violence; 3. manifestations of laughter. Based on a mixed-methods (qualitative and quantitative) approach, we observed varied productivity in both *types* and *tokens*, evidencing the speaker's creativity when using a support construction – a grammatical pattern used to express specific semantic effects and pragmatic values not achieved by a simple predicative verb.*

**KEYWORDS:** *Support Verb; Form; Meaning; Construction Grammar.*

### RESUMEN

*En este artículo, presentamos un extracto de una investigación cuyo objetivo general fue indagar las propiedades formales y funcionales de construcciones instanciadas por el predicador complejo *caer-soporte* + *sintagma nominal preposicional*. Teniendo como corpus textos escritos difundidos en la red social Twitter (actualmente X) y, apoyadas en la Gramática de Construcciones, demostramos que este verbo instaure construcciones que establecen un emparejamiento entre forma y sentido, donde el sintagma nominal determina las significaciones. Con el propósito de destacar el papel de los ítems léxicos en la configuración de la construcción, presentamos en este extracto el análisis de tres campos semánticos movilizados por el verbo de soporte *caer*: 1. emociones relacionadas con el llanto; 2. actos de violencia física; 3. manifestaciones de risa. A partir de una metodología cuali-cuantitativa, constatamos una productividad variable tanto en *types* cuanto en *tokens*, lo que evidencia la creatividad del hablante al utilizar una construcción de soporte, un patrón gramatical empleado para expresar efectos semánticos y valores pragmáticos no alcanzados por un verbo predicador simple.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Verbo-soporte; Forma; Sentido; Gramática de Construcciones.*

## 1 Introdução

Para descrever a predicação, as gramáticas de orientação normativa basicamente centram a atenção no verbo, que, conforme suas propriedades sintático-semânticas, projeta estruturas nomeadas como: predicado verbal, nominal e verbo-nominal. Em cada caso, o verbo assume um significado particular e apresenta uma estrutura argumental específica<sup>1</sup>. De fato, ao representar linguisticamente um estado de coisas no mundo (Dik, 1997)<sup>2</sup>, o falante pode escolher, por exemplo, verbos que possibilitam diferentes configurações na predicação, podendo ser aquelas já previstas em instrumentos normativos ou outras que representem padrões pouco conhecidos ou pouco estudados.

Entre esses padrões, estão os predicadores complexos cujo núcleo é o verbo-suporte, também chamado na literatura linguística de *verbos leves*, *verbos funcionais*, *verbos gerais*, *verbos operadores*, *verboides* e *verbalizadores*. Neves (2011) e Castilho (2016), em suas gramáticas descritivas, afirmam que o verbo-suporte é esvaziado do ponto de vista semântico, formando com seu complemento um significado global. Segundo Machado Vieira (2018, p. 93), verbo-suporte é

[...] o nome dado a usos de formas verbais que operam rotineiramente sobre um elemento não-verbal (em geral, um constituinte nominal – substantivo ou adjetivo –, embora seja possível outra configuração) desprovido de sua função primária referencial ou atributiva, conferindo-lhe estatuto verbal e formando com ele uma unidade funcional predicante, ou seja, um predicador complexo.

Considerando que esse tipo de verbo não tem lugar, normalmente, no ensino de língua portuguesa, decidimos investigá-lo a fim de entender o seu comportamento enquanto predicador complexo, nos termos de Machado

---

<sup>1</sup> Tradicionalmente, o predicado verbal é descrito a partir da noção de transitividade (do latim *transitivus* = que vai além, que se transmite), uma propriedade específica dos verbos que exigem objetos. Há também os intransitivos, aqueles cuja "ação não vai além do verbo" (Cunha; Cintra, 1985, p. 132). O predicado nominal é composto de um verbo de ligação e um predicativo do sujeito. Nesse tipo de predicado, o núcleo significativo do predicado nominal reside no nome, e não no verbo, como ocorre no predicado verbal. Quanto ao predicado verbo-nominal, também chamado por alguns autores de "misto" (Lima, 1987; Cunha; Cintra, 1985), possui dois núcleos: um verbo significativo, próprio do predicado verbal, e um nome na função de predicativo, característico do predicado nominal.

<sup>2</sup> Segundo Dik (1997), predicação corresponde a um processo de atribuição sintático-semântica em que o predicador, que pode ser verbal ou não-verbal (nome, adjetivo, preposição ou oração), seleciona e projeta a quantidade de argumentos necessária em função do tipo de estado de coisas - ação, processo, posição ou estado.

Vieira (2018). Nesse intuito, elegemos como objeto o verbo *cair*, tendo em vista que, na função de suporte, é pouco estudado, como constatou Oliveira (2024). Assim, para evidenciar a sua regularidade no português brasileiro contemporâneo, recorreremos a uma amostra coletada no *Twitter*<sup>3</sup>, por ser um ambiente de domínio público e possibilitar uma dinâmica de uso muito diversificada. Os construtos em (1) ilustram a função pesquisada:

- (1)
- a. O Brasil *caiu em desgraça*! Não há esperança no meio político, na justiça, e nem nas forças armadas... fim da linha. (*Twitter*, 2023).
  - b. Esse ano to falando q vou namorar mas quero ver alguém conseguir me fazer *cair em papinho*. (*Twitter*, 2023).
  - c. Eu acho tão triste ver pessoas ainda *caindo em golpe* do pix. Pra mim é algo obvio, mas ainda existe muita gente que é pouco esclarecida. (*Twitter*, 2023).
  - d. Sou grata a Deus por não ter *caído na pilha* de fazer bichectomia. Hoje vejo como envelhece a pessoa, sou mto mais deixar minhas bochechas redondas aqui... (*Twitter*, 2023).

Como se pode perceber nas construções destacadas, o verbo *cair* não atua com a significação de movimento vertical em direção ao chão, a exemplo de: *a criança caiu da escada*; *a mulher caiu na rua*. No construto (1a), o usuário emprega *caiu em desgraça* para dizer que o Brasil perdeu a credibilidade, a confiança; em (1b,) ao expressar o desejo de namorar, o falante usa a construção *cair em papinho* para indicar que não será fácil alguém conquistá-lo; em (1c), *caindo em golpe* é usada para indicar que pessoas estão sendo enganadas; em (1d), *caído na pilha* indica que o falante não se deixou induzir pelas últimas tendências dos procedimentos estéticos.

Nos quatro construtos, depreendemos os sentidos a partir da combinação formada pelo verbo (forma flexionada e formas nominais) e pelo sintagma nominal preposicionado. É possível notar que a configuração semântica da construção centra no sintagma nominal e o verbo *cair*, consequentemente, se esvazia semanticamente.

Tendo em vista essa configuração, recorreremos à noção de construção como um pareamento de forma e sentido, nos termos de Croft (2001), para explicar, a partir de uma metodologia qualiquantitativa (Cunha Lacerda, 2016),

---

<sup>3</sup> A plataforma *Twitter* foi comprada pelo empresário Elon Musk em outubro de 2022 e em 24 de julho de 2023 o atual dono mudou o nome da empresa para **X**. Como a mudança se deu posteriormente à data da coleta dos dados, fevereiro de 2023, neste trabalho, referiremo-nos à rede como *Twitter*.

os padrões instanciados por *cair* na função de suporte. Entre as ações específicas, analisamos os itens lexicais que compõem o núcleo do sintagma nominal e que são responsáveis pelo sentido da construção.

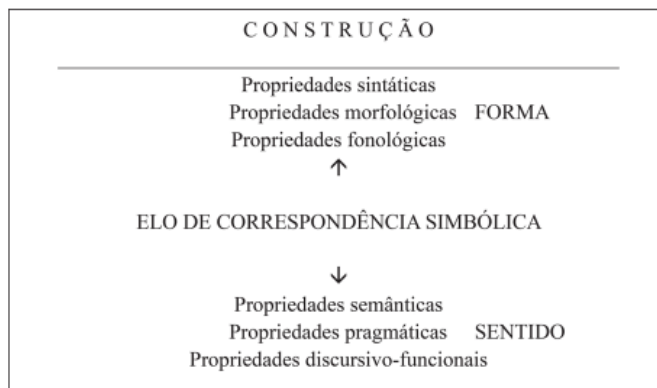
É o resultado dessa ação que apresentamos neste artigo, que está organizado assim: na primeira seção, discorremos acerca de pressupostos que fundamentam a investigação; na segunda, demonstramos os resultados da análise empreendida sobre três campos semânticos mobilizados: 1. emoções relacionadas ao choro; 2. atos de violência física; 3. manifestações de riso. Por fim, encerramos o artigo com as considerações finais e as referências.

## 2 Gramática de Construções: a construção como foco

Gramática de Construções (cf. Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001; Traugott; Trousdale (2021 [2013]), entre outros), modelo teórico desenvolvido no âmbito da Linguística Cognitiva, fundamenta-se no pressuposto de que a unidade básica da língua é a construção, definida como um pareamento de forma e sentido (Croft, 2001). Ela é entendida como unidade simbólica convencional. Unidade porque alguma particularidade do signo é tão idiossincrática (Goldberg, 1995) ou tão frequente (Goldberg, 2006) que é estocada como um pareamento de forma-sentido na mente do usuário da língua; é simbólica porque corresponde a signos, resultantes de associações arbitrárias de forma e significado; é convencional porque é usada e compartilhada por um grupo de falantes.

Para explicar a noção de pareamento, Croft (2001) propõe a Figura em 1:

Figura 1. Configuração simbólica da construção



Fonte: (Croft, 2001, p. 18).

Conforme essa configuração, a análise de uma construção deve ocorrer de modo holístico, considerando propriedades tanto da forma (propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas) quanto do sentido (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). A depender da construção estudada, pode-se priorizar, na análise, algumas propriedades em detrimento de outras. O importante é sempre considerar os dois planos. No caso de nosso objeto, para o recorte apresentado, priorizamos: no plano da forma, reconhecer os itens lexicais acionados pelo verbo; no plano do sentido, analisar os efeitos promovidos pelos itens lexicais bem como identificar os campos semânticos mobilizados.

Nessa abordagem, a gramática de uma língua é concebida como uma rede de construções associadas entre si, de modo que vários aspectos do conhecimento gramatical do falante são definidos por ligações associativas (Goldberg, 1995). Isso quer dizer que, quando uma nova construção surge na língua, ela compartilhará propriedades de outras construções já existentes. Mas, também, poderá assumir outras, em decorrência da sua configuração formal e funcional. O que é defendido, de fato, é que nenhuma construção é instanciada de modo isolado; afinal, a língua é um sistema de entidades interconectadas, podendo apresentar semelhanças ou diferenças.

E, para captar isso, a teoria mobiliza três propriedades, esquematicidade, composicionalidade e produtividade, que se definem pela gradiência, significando dizer que há construções menos ou mais esquemáticas, menos ou mais composicionais, menos ou mais produtivas (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]).

A esquematicidade corresponde ao grau de abstração de uma determinada construção. Trata-se de um conhecimento implícito, percebido inconscientemente pelos usuários da língua, que possibilita capturar a generalidade de padrões que se manifestam no uso efetivo. Na rede construcional, segundo Traugott e Trousdale 2021 [2013], a esquematicidade se manifesta em níveis hierárquicos: esquema, subesquema, microconstrução e construto.

O esquema compreende as construções mais genéricas da rede e abarca as estruturas complexas com possibilidades de *slots* diversos a serem preenchidos. O subesquema é o nível onde se agrupam construções individuais que apresentam propriedades em comum. A microconstrução representa tipos individuais de construção cujos *slots* são totalmente preenchidos, no caso, são as construções propriamente ditas, menos abstratas. Por fim, os construtos, as ocorrências empiricamente atestadas, instâncias de

uso produzidas por um dado falante em uma dada situação e com um propósito comunicativo específico (Traugott; Trousdale, 2021 [2013]).

Relacionando a propriedade da esquematicidade ao nosso objeto, assumimos que o esquema instanciador é [SV + SPREP + SN], composto de três *slots*, sendo SV ocupado pelo verbo-suporte, SPREP, pela preposição, e SN pelo sintagma nominal. A partir desse esquema geral, em um segundo nível, são projetados os subesquemas, onde se pode perceber semelhanças/diferenças entre eles: SV é preenchido por *cair*, forma flexionada (*caiu*) ou forma nominal (*cair, caindo, caído*), SPREP, pela preposição *em*, que pode ou não estar contraída, e SN, por itens lexicais diversos. No terceiro nível, estão as microconstruções, os *types* individuais de construção cujos *slots* são totalmente preenchidos: *caiu em desgraça, cair em papinho, caindo em golpe, caído na pilha*, como ilustram os constructos em (1), no caso, as ocorrências empiricamente atestadas.

Quanto à composicionalidade, é entendida em termos de convergência ou não-convergência (*match or mismatch*) entre o significado de elementos individuais e o sentido do todo. De acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013]), ocorre convergência quando uma construção é semanticamente composicional, significando dizer que, quando o falante produz uma sequência sintaticamente convencional, o interlocutor é capaz de depreender o significado de cada item individual e decodificar o significado do todo. Por sua vez, ocorre não-convergência quando uma construção não é semanticamente composicional, isto é, quando não há transparência entre a forma e o sentido, o que impede o interlocutor de interpretar a construção por partes.

Nas construções com o verbo-suporte *cair*, assumimos que elas são menos composicionais, logo, não-convergentes, pois verbo e sintagma nominal preposicionado não apresentam autonomia sintático-semântica. Significa dizer que seus sentidos só podem ser depreendidos se levarmos em conta a unidade como um todo.

A produtividade diz respeito ao grau de abrangência (extensão) de uma construção (Traugott e Trousdale (2021 [2013]), captada em termos de frequências *type* e *token*, nos termos de Bybee (2003). A frequência *type* está associada à extensibilidade de uma construção, isto é, aos tipos de padrões formados. Captar essa frequência implica analisar cada item que preenche os *slots* de uma construção. Já a frequência *token* indica, por exemplo, quantas vezes um determinado padrão é usado.

Evidenciamos, em nosso recorte, uma produtividade acentuada de itens lexicais que nos permitiram identificar três campos semânticos associados aos usos de *cair* como suporte. Explicamos isso por meio da analogia, um processo cognitivo de domínio geral que nos ajuda a entender os usos linguísticos, e, principalmente, como novos enunciados são criados. Segundo Traugott e Trousdale (2021 [2013]), trata-se da habilidade cognitiva que permite a criação de novas formas de dizer com base em outras já existentes que foram convencionalizadas a partir de experiências linguísticas. Como veremos na próxima seção, para cada campo semântico, há itens lexicais mais acionados, sendo eles os mais experienciados, os que nos leva a inferir que são motivadores dos outros usos. Ou seja, a partir do processo analógico, o falante cria novos enunciados com base em padrões já disponíveis, armazenados em sua memória.

Apresentados os fundamentos básicos da abordagem adotada, passemos à análise dos dados.

### 3 Verbo-suporte *cair*: três campos semânticos em foco

Iniciamos esta seção apresentando a produtividade *type* e *token* dos três campos analisados. No Quadro 1, podemos perceber a criatividade do falante em representar a construção com itens lexicais variados dentro de um mesmo campo semântico:

Quadro 1. Frequência dos três campos semânticos

CAMPOS SEMÂNTICOS	TYPES <sup>4</sup>	TOKENS
Campo 1: Emoções relacionadas ao choro	<i>cair em/ no choro</i>	74
	<i>cair em lágrimas</i>	26
	<i>cair em prantos</i>	5
	<i>cair no chororô</i>	1
Campo 2: Atos de violência física	<i>cair em/ na porrada</i>	62
	<i>cair em/ no soco</i>	31
	<i>cair em/ no tapa</i>	3
	<i>cair em/ no murro</i>	2
	<i>cair em brigas</i>	1
Campo 3: Manifestações de riso	<i>cair em/ na gargalhada</i>	25
	<i>cair em/ na risada</i>	23
	<i>cair em/ no riso</i>	5

Fonte: Elaboração própria

<sup>4</sup> No quadro, ilustramos o *type* com o verbo apenas em sua forma infinitiva.

Como se pode notar, em cada campo temos uma maior produtividade de construções com itens lexicais específicos: no campo 1, *choro*; no campo 2, *porrada*, no campo 3, com números aproximados, *gargalhada* e *risada*.

Para ilustrar o campo semântico 1, “Emoções relacionadas ao choro”, apresentamos os construtos em (2):

(2)

- a. *Caindo no choro* vendo a homenagem pra Glória Maria que fez parte da minha infância a vida inteira eu ainda não consigo acreditar mas essa mulher viveu e viveu com vontade e eu só quero 1% da força que ela teve durante 50 anos de profissão. (Twitter, 2023).
- b. Terminei de ver o documentário da Boate Kiss, e ver o promotor e o advogado *caindo em lágrimas* por ter ajudado na condenação dos réus, me fez chorar muito. (Twitter, 2023).
- c. Tô sentindo que no próximo episódio de The Last of Us eu vou finalmente *cair em prantos*. (Twitter, 2023).
- d. do nada mó vontade de *cair no chororó*. (Twitter, 2023).

Em (2a), o choro é motivado por uma mistura complexa de emoções presentes no uso de “caindo no choro”. Há uma forte nostalgia pela figura pública que marcou a infância, acompanhada de admiração profunda pela trajetória de vida e força da pessoa homenageada. O sentimento de perda ou incredulidade diante do falecimento se entrelaça com uma inspiração e desejo de enaltecer a resiliência da falecida. É um choro que, embora possa ter um componente de tristeza pela ausência, é predominantemente um desabafo emocional de reconhecimento e reverência.

A manifestação do ato de chorar representada pelo “caindo em lágrimas”, em (2b), decorre de uma empatia profunda com as emoções alheias e com o peso da situação. A visão dos profissionais emocionados pela condenação dos réus evoca um sentimento de justiça (ou alívio pela justiça) que, somado à comoção e tristeza intrínsecas à tragédia da Boate Kiss, provoca o choro. É uma ação que reflete a ressonância emocional com a dor e a luta das vítimas, culminando em uma liberação emocional pela concretização da responsabilidade.

Em (2c), “cair em prantos” indica a antecipação de um sentimento a ser provocado pelo episódio de The Last of Us, sugerindo uma expectativa de impacto emocional, talvez acumulado ao longo da série, que culminará em um choro incontrolável.

Por último, o uso de “cair no chororô” (2d) denota o desejo súbito e aparentemente inesperado/imotivado de chorar. O “do nada” indica que não há um gatilho externo óbvio no momento, sugerindo que o choro pode ser uma manifestação de um acúmulo de estresse, cansaço emocional, tristeza latente ou uma necessidade de desabafar/liberar emoções que estavam contidas. O “chororô” também denota um choro prolongado ou lamurioso, enfatizando a intensidade e a duração do ato.

Quanto ao campo semântico “Atos de violência física”, ilustramos com os construtos em (3):

(3)

- a. Morrendo de dor de cabeça, pelo simples fato de querer *cair na porrada*, para resolver meu problema e não poder.. Que agoniaaa. (Twitter, 2023).
- b. Meu sonho *cair no soco* com o meu irmão pq não é possível um ser humano de 21 anos ser tão irresponsável! não aguento mais comprar comida pra mim e depois ela SUMIR. (Twitter, 2023).
- c. Ônibus lotado, pessoal *caindo no tapa* e uma senhora do meu lado? falando pelos cotovelos. O CAOS DA SEXTA-FEIRA. (Twitter, 2023).
- d. Hoje eu tava pronta pra *cair no murro* com o primeiro que perguntasse qualquer coisa sobre o equipamento que eu tava usando. (Twitter, 2023).
- e. A sua comunicação e a relação com pessoas do seu convívio ficam em destaque. Você é estimulado a expressar uma ideia, mas deve tomar cuidado para não *cair em brigas*. O céu também pede atenção no trânsito, po.. (Twitter, 2023).

Em (3a), o falante usa “cair em brigas” referindo-se ao interlocutor para controlar atos que pode resultar em violência. Em (3b), “cair na porrada” é usada para expressar um desejo intenso e frustrado de resolver um problema através de uma luta corporal. Indica uma violência direta e explícita como um meio de resolução de conflito, impulsionada por raiva, desespero ou agonia. A impossibilidade de concretizar essa ação leva a um sentimento de impotência e angústia.

“Cair na soco” em (3c) revela o desejo do falante em trocar socos com o irmão, devido a sua irresponsabilidade. A idealização da violência física parece ser uma forma de extravasar a irritação e talvez “resolver” o problema. “Meu sonho” é usado de forma irônica para enfatizar a intensidade do desejo.

Em (3d), com “caindo no tapa”, o falante descreve uma cena de confusão generalizada ocorrida dentro do ônibus, um evento que reflete o caos

de uma sexta-feira. Por último, em (3e), "cair no muro" é usado para indicar a intenção da falante, que está preparada e disposta a entrar em uma briga. A expressão reflete o seu estado de saturação emocional, sugerindo que qualquer provocação, mesmo pequena, poderia desencadear uma reação violenta e física.

Para ilustrar o campo semântico 3, "Manifestações de riso", apresentamos os construtos em (4):

(4)

- a. Minha mãe: "mas tu n corrigiu a prova do enem, talvez tu tenha feito 300 pontos" eu olhei p ela, ela me olhou e a gente *caiu na gargalhada*. (*Twitter*, 2023).
- b. Ele tentando cantar e nao conseguindo e *caindo na risada* meu deus como amar DOI. (*Twitter*, 2023).
- c. Pra começar, sua mãe vai se encantar comigo. Se eu contar piada pro seu pai ele vai *cair no riso*. Sua amiga mais chata vai falar que agora acertou, churrasquinho em família vai perder a graça se eu não for. (*Twitter*, 2023).

Em (4a), o uso de "caiu na gargalhada" denota um riso espontâneo, alto, incontrollável e contagiante. Indica uma explosão de riso que é compartilhada e intensificada pela troca de olhares e pelo reconhecimento mútuo da ironia ou do absurdo da situação (a possibilidade de ter feito uma pontuação muito baixa no ENEM).

Em (4b), "caindo na risada" se refere a um riso impensado, possivelmente um pouco envergonhado, mas também divertido, causado pela própria incapacidade ou por uma situação cômica. O riso é uma reação à falha na tentativa de cantar, transformando um possível constrangimento em um momento de leveza e humor. A frase "como amar DOI" sugere que esse riso também é tingido de ternura e afeto pela pessoa que está rindo de si mesma ou de sua performance.

Por último, "cair no riso", em (4c), significa rir de forma efusiva, prolongada e descontraída, em resposta a algo genuinamente engraçado, no caso, a piada a ser contada. É uma manifestação de riso como resultado direto de entretenimento e humor eficazes, sugerindo uma capacidade de alegrar e descontrair o ambiente.

Do que foi exposto, percebemos que os diferentes núcleos do sintagma nominal, acionados dentro de um mesmo campo semântico, evidenciam a criatividade dos falantes em compor o sentido da construção.

Cada um dos itens, a partir da unidade formada com o verbo-suporte *cair*, possibilita um efeito semântico que não é obtido por uma forma verbal simples.

Para além disso, assumimos que esse tipo de construção se caracteriza como uma estratégia de modalização, que, segundo Nascimento (2009, p. 1376), consiste em uma “estratégia argumentativa que permite a um enunciador, responsável pelo discurso, imprimir em um enunciado uma avaliação ou ponto de vista sobre o conteúdo de sua enunciação ou sobre a própria enunciação”. Assim, quando um falante modaliza, ele interpreta uma determinada situação a partir de sua própria bagagem, construída de valores, conhecimentos, verdades, crenças, necessidades e obrigações. Embora pessoais, esses elementos são igualmente moldados, padronizados e compartilhados socialmente dentro de uma comunidade linguística específica.

Semelhante a Nascimento, Neves (2011, p. 244) afirma que modalização é uma estratégia linguística de organização e formulação de enunciados, e tem “como característica básica expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado”. Para isso, o falante pode se valer de diferentes modalizadores, entre eles, os *afetivos*, que, segundo Neves (2011, p. 253), exprimem reações emotivas, manifestadas de forma subjetiva, pondo em relevo “as emoções ou sentimento do falante”, ou intersubjetiva, envolvendo um sentimento que se define “pelas relações entre falante e ouvinte”.

Nesse cenário, assumimos que as construções do tipo *cair-suporte + sintagma nominal preposicionado* nos três campos semânticos analisados se constituem como modalizadoras, pois, com elas, os falantes definem determinados ‘modos de dizer’, marcando a sua subjetividade ou expressando reações que envolvem o interlocutor. Como vimos, ao usar o *cair* como suporte, o falante não expressa um simples ato de chorar, brigar ou rir, mas imprime, com a construção, um efeito de sentido que não é alcançado por uma forma verbal simples.

Assim, *chorar* e *cair no choro*, *brigar* ou *cair na briga*, *rir* ou *cair no riso* não podem ser consideradas construções equivalentes, pois em cada uma delas temos um efeito semântico-pragmático específico. Com o verbo em sua forma plena, *chorar*, *brigar* e *rir*, o efeito é de ações imediatas; com as formas complexas, o efeito é de ações súbitas e espontâneas. Cada uma delas tem suas próprias funcionalidades determinadas pelas intenções comunicativas dos falantes. Com as construções com o verbo-suporte, os falantes exprimem reações emotivas mais acentuadas, pondo em evidência tanto as emoções

individualizadas (quando o foco está nele - falante) quanto as que são determinadas pela relação entre ele - falante - e o interlocutor. Essa característica justifica, portanto, a razão de sua escolha em detrimento de uma forma verbal simples. Nessa direção, concordamos com Neves (2011), que as construções com verbo-suporte oferecem a vantagem de configurar com mais clareza a natureza semântica do predicado (seja ação, processo ou estado), delineando de forma mais precisa o estado de coisas.

#### 4 Considerações finais

Com a demonstração apresentada neste artigo, respondemos ao questionamento que o intitula: “*Cair no choro, cair na porrada e cair na gargalhada*: o que essas construções têm em comum?” Elas são exemplares de como o falante aciona a predicação complexa para atender demandas comunicativas específicas que o predicador simples não alcança. Os itens lexicais *choro*, *porrada* e *gargalhada*, ao formarem unidades com o verbo *cair* em sua função suporte, mobilizam campos semânticos específicos: i. emoções relacionadas ao choro, ii. atos de violência física e iii. manifestações de riso.

A análise promovida, com base na abordagem construcional, nos permite afirmar que, a partir de um esquema específico [SV + SPREP + SN], o falante produz construções com o verbo *cair* cujos significados dos itens não podem ser depreendidos isoladamente. Como suporte, o verbo adquire seu sentido a partir da combinação com o sintagma nominal preposicionado, uma compreensão possibilitada pela noção de pareamento, forma e sentido, nos termos de Croft (2001).

Embora algumas construções com verbos-suporte apresentem verbos plenos equivalentes, como nos casos de *cair na gargalhada* = *gargalhar*, *cair no choro* = *chorar*, *cair no riso* = *rir*, não se pode afirmar que os significados sejam também equivalentes. Defendemos em nossa análise que as construções instanciadas por *cair-suporte* se configuram como modalizadoras, estratégias usadas pelo falante para imprimir, nos contextos de usos, efeitos semântico-pragmáticos não alcançados por um predicador simples, o que justifica, portanto, a sua escolha e a sua produtividade no *corpus* pesquisado.

Esperamos, com os resultados de nossa amostra, contribuir para a compreensão do comportamento formal e funcional de construções com verbo-suporte, uma categoria ainda pouco conhecida/estudada no âmbito do ensino de língua portuguesa.

**REFERÊNCIAS:**

- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Inglaterra: Oxford University Press, 2001. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/32815/chapter-abstract/274874727?redirectedFrom=fulltext#no-access-message>. Acesso em: 02 nov. 2025.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, vol. esp., p. 83-101, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440/4032>. Acesso em: 07 nov. 2025.
- DIK, S. C. **Theory of Functional Grammar**. Editado por Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter. 2 v. 1997.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions: A construction grammar approach to argument structure**. Chicago, EUA: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. Inglaterra: Oxford University Press, 2006. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/32920>. Acesso em: 15 out. 2025.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicar com construção com verbo suporte. DE PAULA et al. (orgs.) **Uma história de investigações sobre a língua portuguesa: homenagem a Sílvia Brandão**. São Paulo: Blucher. p. 90-112, 2018.
- NASCIMENTO, E. P. do. 2009. A modalização como estratégia argumentativa: da proposição ao texto. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN**, 4, 2009. João Pessoa. Anais... João Pessoa: Editora Ideia, 2009. p. 1369-1376.
- NEVES, M. H. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2011.
- OLIVEIRA, L. S. A. A. DE. **CAIR em sua função de verbo-suporte: uma análise centrada no uso**. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras: linguagens e Representações), Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, 2024.

Disponível em: <https://www.biblioteca.uesc.br/acervo/82062>. Acesso em: 10 de nov. de 2025.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taíse Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

TWITTER. Disponível em: <https://twitter.com/home>. 2023. Acesso em: 01 fev. 2023.

*Recebido em outubro de 2025.*

*Aprovado em dezembro de 2025.*

*Publicado em dezembro de 2025.*

## **SOBRE AS AUTORAS**

**Gessilene Silveira Kanthack** é mestre doiutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora titular-plena da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, bem como ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista. Desenvolve pesquisas voltadas, em especial, para padrões de usos que evidenciam estabilidade/variação/mudança no português brasileiro. É líder do Grupo de Pesquisa Linguagens, Estruturas e Práticas Sociais, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**Letícia Souza Araújo Alves de Oliveira** é doutoranda em Letras: Linguagens e Representações, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL-UESC). cursou o mestrado nesse mesmo programa. Atualmente, recebe bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Graduada em Letras e especialista em Linguística, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora concursada da Secretária de Educação da Bahia (SEC-BA). Desenvolve pesquisa com foco em verbo-suporte.